



ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE MANEJO DO SOLO E COMERCIALIZAÇÃO EM HORTAS COMUNITÁRIAS DE MARINGÁ: IMPLICAÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE E RENTABILIDADE

Gabriel Sabino Janunzzi (Universidade Estadual de Maringá)

Gustavo Aceti de Avila (Universidade Estadual de Maringá)

Gyanluca Cantagalli de Araujo (Universidade Estadual de Maringá)

Ednaldo Michellon (Universidade Estadual de Maringá)

Email: ra123571@gmail.com

Resumo:

Este estudo analisou o manejo do solo, a diversidade de hortaliças cultivadas e os preços de comercialização nas hortas comunitárias de Maringá. Os dados foram coletados através de questionários aplicados pelos estagiários do CerAUP/UEM (Centro de Referência em Agricultura Urbana e Periurbana) aos produtores. A pesquisa revelou que a maioria dos produtores realiza o revolvimento do solo com frequência para melhorar a aeração e o controle de ervas daninhas, embora a prática possa impactar a saúde do solo a longo prazo. A diversidade de hortaliças cultivadas é ampla, com destaque para alface, almeirão e cebolinha, refletindo a adaptação às condições locais e às demandas do mercado. Os preços das hortaliças variam entre R\$ 2,00 e R\$ 4,00, dependendo dos custos de produção e das estratégias de precificação ajustadas ao perfil socioeconômico dos compradores. Esses dados são extremamente essenciais para oferecer suporte mais eficaz aos produtores e promover práticas agrícolas sustentáveis.

Palavras-chave: Manejo do solo; Diversidade de cultivos; e Preços de comercialização

1. Introdução

As hortas comunitárias de Maringá foram criadas pela prefeitura, em 2007 e, já em 2008, o Centro de Referência em Agricultura Urbana e Periurbana (CerAUP/UEM) tornou-se parceiro, atuando juntamente com diversas secretarias municipais, a partir de oficinas de discussão com a comunidade, onde foram discutidos problemas e soluções para melhorar a qualidade de vida da população, a partir de estratégias propostas pela Rede de Municípios Potencialmente Saudáveis (MICHELLON, 2016).

As hortas comunitárias têm como objetivo gerar e estimular o trabalho e a qualidade de vida, promover a inclusão social e produtiva de cidadãos em situação de carência



econômica e alimentar, mediante iniciativas de cooperação e produção sustentável de alimentos para o autoconsumo e comercialização (MICHELLON, 2016).

Este estudo investiga as práticas agrônômicas nas hortas comunitárias de Maringá e fornece informações para desenvolver manejos agrícolas mais sustentáveis e eficientes em ambientes urbanos. A análise dos dados ajuda a identificar maneiras de otimizar a produção das hortas, beneficiando tanto os agricultores quanto as comunidades locais.

2. Metodologia

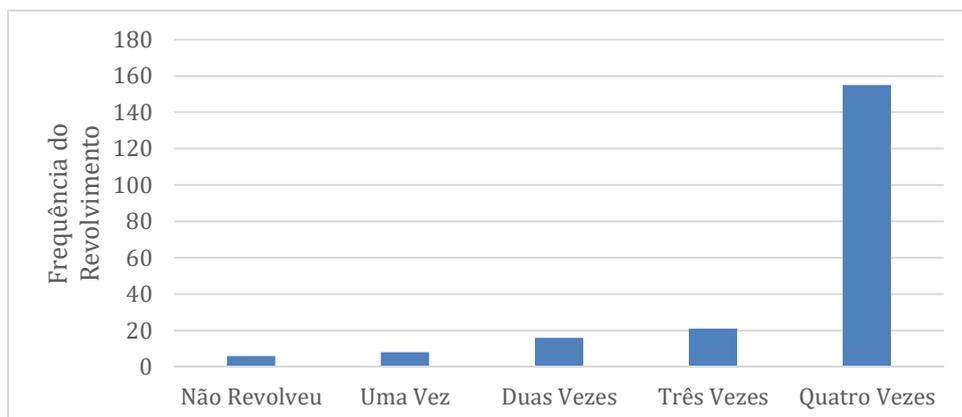
Os dados foram coletados através de 241 questionários aplicados aos produtores das 41 hortas comunitárias de Maringá, pelos bolsistas do CerAUP/UEM (Centro de Referência em Agricultura Urbana e Periurbana) e os engenheiros agrônomos da Secretária de Trabalho, Renda e Agricultura Familiar (Setrab). O questionário abrangia 34 perguntas sobre temas diversos, sendo utilizado somente três perguntas sobre a parte agrônômica, como a frequência de revolvimento dos canteiros, os tipos de produtos plantados e os preços de venda.

A aplicação de questionários é uma metodologia comum em pesquisas agrônômicas e sociais devido à sua capacidade de reunir uma grande quantidade de dados de maneira estruturada e padronizada. Este método é eficaz na coleta de informações sobre atitudes, comportamentos, e percepções dos participantes (DILLMAN; SMYTH; CHRISTIAN, 2014).

3. Resultados e Discussão

De acordo com os dados obtidos através dos questionários observamos que 155 produtores revolveram o solo quatro vezes ao ano, 21 produtores revolveram três vezes ao ano, 16 produtores revolveram duas vezes ao ano (Figura 1).

Figura 1 – Quantidade de vezes que os produtores revolvem o canteiro no ano





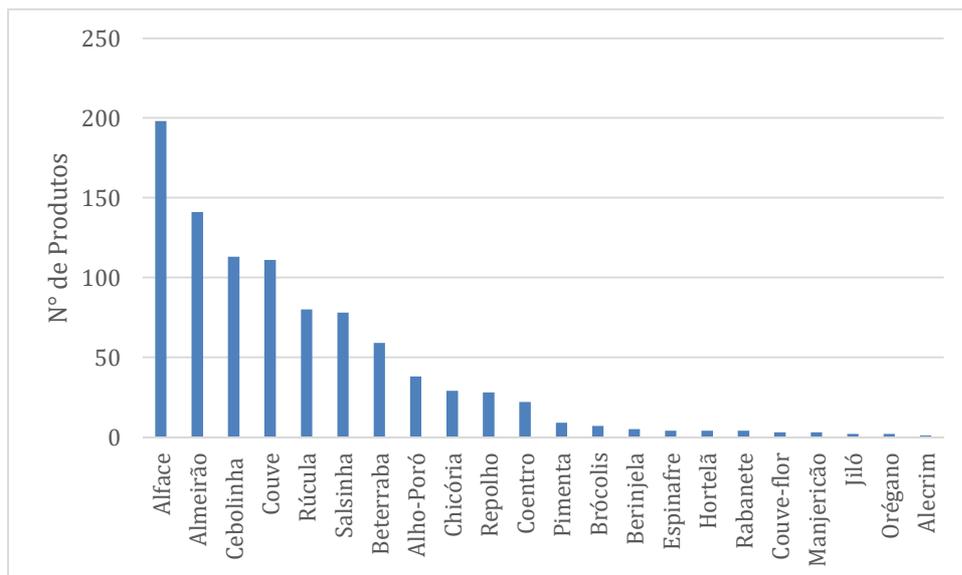
Fonte: Pesquisa de Campo CerAUP e Setrab, 2024.

O revolvimento do solo é uma prática comum nas hortas comunitárias analisadas. A maioria dos participantes relatou que realizam o revolvimento do solo de forma manual, utilizando ferramentas como enxadas e pás. Essa prática é vista como essencial para a aeração do solo, controle de plantas daninhas e incorporação de matéria orgânica (SHINEW, 2004).

A prática intensiva de manejo do solo pode estar associada a várias motivações, como o controle de ervas daninhas, a incorporação de resíduos culturais e a preparação do solo para o plantio. O número significativo de produtores que adotam essa prática sugere que muitos consideram o revolvimento frequente uma necessidade para manter a produtividade de suas culturas.

A diversidade de hortaliças cultivadas nas hortas comunitárias de Maringá é ampla, conforme ilustrado pelos dados coletados. A alface é a hortaliça mais cultivada, com 198 registros, seguida pelo almeirão 141 e pela cebolinha 113. A popularidade dessas hortaliças pode ser atribuída à sua fácil adaptação a diferentes tipos de solo e condições climáticas, bem como ao seu curto ciclo de cultivo, que permite colheitas frequentes e, conseqüentemente, um abastecimento contínuo para os produtores e consumidores locais (Figura 2).

Figura 2. Hortaliças mais cultivadas nas Hortas Comunitárias



Fonte: Pesquisa de Campo CerAUP e Setrab, 2024.

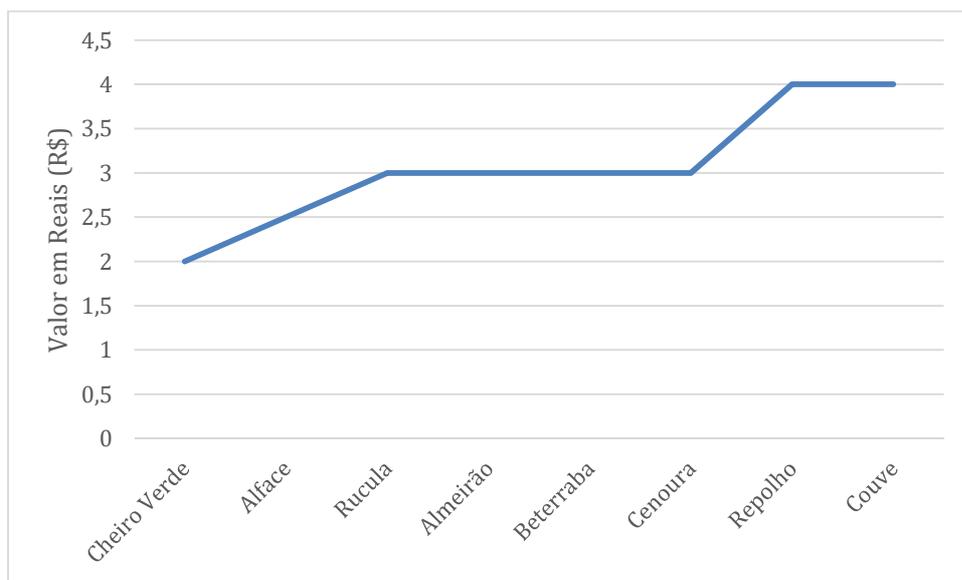
No entanto, o questionário também revela que um número menor de produtores adota uma menor quantidade de revolvimentos, ou seja, realiza o cultivo mínimo. A análise desses dados destaca a importância de equilibrar os benefícios e os riscos do revolvimento do solo.



Enquanto o revolvimento pode melhorar a aeração, promovendo um ambiente propício para o crescimento das plantas, ele também pode comprometer a saúde do solo a longo prazo. Portanto, é crucial que os produtores monitorem os impactos de suas práticas de manejo do solo não apenas na produtividade imediata, mas também na sustentabilidade futura.

Os resultados do questionário sobre os valores de comercialização de hortaliças indicam uma variedade nos preços praticados pelos produtores. Os preços das hortaliças variam entre R\$ 2,00 e R\$ 4,00, com o Cheiro Verde sendo vendido a R\$ 2,00, a Alface a R\$ 2,50, e a Rúcula, Almeirão, Beterraba e Cenoura a R\$ 3,00 cada. Os resultados do questionário sobre os valores de comercialização de hortaliças indicam uma variedade nos preços praticados pelos produtores. (Figura 3).

Figura 3. Valor de Hortaliças



Fonte: Pesquisa de Campo CerAUP e SETRAB, 2024.

As hortaliças vendidas por valores mais altos, podem ser influenciadas pelos altos custos de produção, além da maior dificuldade e cuidado necessários para o cultivo dessas culturas. Essas plantas são particularmente são mais suscetíveis a pragas e doenças, como também precisam um manejo mais preciso para seu desenvolvimento.

Porém, tem um número significativo de produtores (22) que não definiram um preço específico para suas hortaliças, em vez disso, os preços são ajustados conforme o perfil socioeconômico dos compradores. Essa prática busca equilibrar a acessibilidade dos produtos para diferentes classes sociais, ao mesmo tempo em que maximiza o potencial de lucro. Outro



ponto relevante é que 36 produtores relataram não vender hortaliças, pois esses produtores optam por destinar toda a produção ao consumo próprio, garantindo-se, assim, a segurança alimentar e nutricional para si e suas famílias.

4. Considerações

Os dados obtidos sobre as hortas comunitárias de Maringá são essenciais para os bolsistas do CerAUP por várias razões. Em primeiro lugar, compreender como as práticas de manejo do solo, como o revolvimento frequente, podem impactar a saúde do solo é fundamental para orientar recomendações mais precisas que garantam a maximização da produtividade agrícola. Conforme Altieri (1999), a implementação de técnicas sustentáveis é crucial para evitar a degradação do solo e assegurar a viabilidade das hortas a longo prazo.

Além disso, conhecer a diversidade de hortaliças cultivadas e os preços de comercialização permite aos bolsistas oferecerem suporte mais eficaz às necessidades e desafios específicos dos produtores. Saber quais hortaliças têm maior aceitação e como ajustar preços conforme o perfil socioeconômico dos compradores pode melhorar a rentabilidade das hortas comunitárias (ALTIERI, 1999).

Referências

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: A base científica da agricultura sustentável**. Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 1999.

DILLMAN, D. A.; SMYTH, J. D.; CHRISTIAN, L. M. **Internet, Phone, Mail, and Mixed-Mode Surveys: The Tailored Design Method**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2014.

MICHELLON, Ednaldo. **Hortas Comunitárias de Maringá: um Modelo de Agricultura Urbana**. Maringá, Clichetec, 2016.

SHINEW, K. J. **Leisure Spaces as Potential Sites for Interracial Interaction: Community Gardens in Urban Areas**. Vancouver, 2004. 210 páginas. Dissertação (Mestrado em Estudos de Lazer) – Escola de Recreação e Turismo, Universidade da Colúmbia Britânica.